

CADA REVOLUÇÃO TEM DETALHES QUE É FUNDAMENTAL COMPREENDER

N. 26/12/80 — Presidente Samora Machel em entrevista concedida ao semanário português "Expresso"

"Não há cópia na construção do socialismo. Não existe um modelo. Há leis universais, mas há especificidades e são essas especificidades que contêm no seu fenómeno o detalhe e é preciso apreender esse detalhe. Quando nós falamos em salto qualitativo (nas relações com os outros países socialistas), é porque eles compreenderam o detalhe da Revolução moçambicana, o detalhe do processo revolucionário em África, em particular em Moçambique," — declarou o Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, em entrevista concedida ao jornalista português Augusto de Carvalho e antontem publicada no semanário "Expresso".

Dessa importante entrevista, importante pelo conteúdo das declarações do dirigente máximo da Revolução moçambicana, publicamos, a seguir, os mais significativos excertos.

A CIDADE NASCE NO CAMPO

«A cidade nasce no campo. Não é o campo que nasce na cidade. Não são as casas que me importam. Não são as paredes. Não são os prédios. É o homem que está a construir o Unango. Essa é que é a cidade. A cidade é a cabeça do homem».

«É das ruínas que nós queremos construir. É das raízes podres que nós queremos criar uma árvore frondosa, com frutos saborosos e suculentos. É a partir dessas raízes que nós queremos fazer. Niassa foi a Província em que tivemos mais dificuldades na guerra de libertação nacional, mas em que participaram todos os moçambicanos de todos os grupos étnicos».

LUTA CONTRA A BURGUESIA

«Matchedje foi o centro da confrontação. Quer dizer, as tendências que se vinham manifestando dentro da organização, dentro da FRELIMO, através dos infiltrados, infiltrados pela PIDE, para destruir a FRELIMO, lançando ideias reaccionárias — o tribalismo, o regionalismo, o elitismo, o racismo — que recusavam fazer uma guerra popular. Recusavam que os soldados fossem políticos, recusavam a emancipação da mulher, advogavam o envio de jovens para as academias, para serem oficiais.

«Advogavam que só os analfabetos devem fazer a guerra e os instruídos não. Que deviam ir para as universidades, para a segunda fase. Qual fase? A de agora, não é verdade? Queriam criar a burguesia a partir da nossa organização. Utilizar a luta de libertação nacional para criar a burguesia, para fazer triunfar, logo que chegasse a independência, já consolidadas, as ideias da reacção, a revolução burguesa. Recusavam abandonar os seus hábitos, os seus defeitos. É o problema de todo o mundo: a questão da revolução, uma revolução que não rejeita a carga impura, é uma revolução burguesa. E ali, então, derrotámos essas ideias».

A GUERRA PRECISA DE SANGUE NOVO

«A guerra precisa de receber sangue novo. Constantemente tem de receber efectivos. Foi aí onde nós derrotámos os portugueses. Nós tínhamos homens frescos, constantemente, que eram homens que se iam forjando em cada ano. E os portugueses vinham em comissões. Quando faziam três anos e começavam a ganhar experiência do que é a guerra, iam-se embora e vinham novos. E esses são alvos das nossas armas. Portanto, ganhámos a guerra desta maneira. Com homens que tiveram a experiência de cada combate, de cada tática, e os outros, quando estavam a ganhar a experiência, regressavam a Portugal. E, fundamentalmente, sem motivação. O soldado português não tinha motivação. Inconsciência...

«Eu vos disse que o exército colonial, a sua inspiração... eu vou repelir, embora seja doloroso, mas a inspiração da guerra colonial... para inspirar o soldado era preciso

dar-lhe prostitutas. Nós combatíamos a prostituição. Depois, para ter coragem, era preciso dar álcool. Nos combates iam com álcool. Esse homem tem consciência do que está a fazer? São criminosos».

CONHECER A PUREZA DO POVO

«Vir ao Maputo e dizer-se que esteve em Moçambique, é mentira. Fica sem conhecer a pureza do Povo. Os homens das cidades são homens alienados. Em todas as cidades do mundo. É uma pilha de problemas. Paris, Londres, Nova Iorque, são centros de crime, de corrupção, e há quem queira que a minha cidade, não seja cidade, seja um paraíso».

NÃO HÁ CÓPIA NA CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO

EXPRESSO: — Sr. Presidente, eu estou a escrever para o Ocidente e no Ocidente, com facilidade, se poderá interpretar este salto qualitativo da seguinte maneira: lá está Moçambique na órbita da União Soviética. E lá está Moçambique sem independência.

PRESIDENTE SAMORA MACHEL: — Não há ingerência. Está expresso nos nossos documentos, na declaração conjunta, não é verdade? Leia a declaração conjunta, a nossa e a da União Soviética. Fizemos com a RDA, fizemos com a Coreia, fizemos com Cuba, fizemos com todos os países socialistas. Só ainda não fizemos com a Polónia e com a Checoslováquia.

Não há cópia na construção do socialismo. Não existe um modelo. Há leis universais, mas há especificidades e são essas especificidades que contêm no seu fenómeno o detalhe e é preciso apreender esse detalhe. Quando nós falamos em salto qualitativo (nas relações com outros países socialistas), é porque eles compreenderam o detalhe da Revolução moçambicana. O detalhe do processo revolucionário em África, em particular em Moçambique. Não basta ser África. Zimbabwe tem as suas especificidades. Tanzania tem as suas. Cada um de nós. Mas somos africanos. Assim como na Europa a cultura é um dos fenómenos que é preciso respeitar. Dessa cultura, desse detalhe, é necessário compreender bem esse detalhe, porque é onde está a personalidade e a dignidade de cada Povo, o orgulho de cada Povo. É isto que se deve tomar em consideração, quando se quer construir o socialismo».

NÃO QUEREMOS SER VENDEDORES DE FÓSFOROS...

EXPRESSO: — Na construção do socialismo, o Sr. Presidente e a FRELIMO vêm ultimamente pondo em evidência a iniciativa privada...

PRESIDENTE SAMORA MACHEL: — Não estamos a evidenciar nada. Só não queremos ser vendedores de fósforos. Só não queremos ser vendedores de ovos, possuidores de barbearias. O Estado a dirigir barbearias? Não há isso... Funcionário para cortar barba... Já viu!».

EXPRESSO: — Mas na parte mais geral, na transformação das Lojas do Povo.

PRESIDENTE SAMORA MACHEL: — As Lojas do Povo continuarão, mas como um modelo de organização para combater a especulação. Mas não queremos cantinas. Entende o que é uma cantina? Dois mil e quinhentos por um

copo de vinho... Vender sanduíches? Não faz sentido. Não é socialismo, assim. Andar a vender fatos. Não é socialismo isso. Não estamos a estimular nada de privado. Fala-nos da mecanização da agricultura, que é a base... a terra... toda a sua totalidade, cem por cento, é do Estado, é do Povo.

EXPRESSO: — Mas também é muito importante a agricultura tradicional!

PRESIDENTE SAMORA MACHEL: — Tradicional... para representar o quê? Foi isso que fez atrasar Portugal.

EXPRESSO: — Eu digo na produção...

PRESIDENTE: — Digo mesmo na produção. Está aí o espírito do camponês individualista, virado para si. Nós estimulamos a criação de Cooperativas em Moçambique.

EXPRESSO: — Mas pelo que eu vi em todas as zonas de cooperativas, há também a machamba familiar.

PRESIDENTE: — Podé ter machamba. Mas o essencial, o factor decisivo, é a cooperativa, não é aquilo. Tem de se respeitar o camponês, que pode ter meio hectare, um hectare. Mas o essencial é ali na cooperativa. A mentalidade leva tempo não se mata como um piolho, não é que basta pôr ao sol e ele morre. As ideias, tradições, costumes, estão enraizadas. É preciso ir mostrando, aos poucos, que essas tradições e esses costumes impedem o avanço da ciência. Estão introduzidas pequenas técnicas na produção. A produção tradicional não resolve o problema da fome. Não pode resolver.

COOPERAÇÃO COM PORTUGAL

EXPRESSO: — Portugal também pode cooperar com a República Popular de Moçambique?

PRESIDENTE: — Qual é o papel de Portugal? O que é que diz Portugal? O Estado de Moçambique diz: «Portugal, venha cooperar. Escolha conforme a sua capacidade, as suas potencialidades, as suas possibilidades... Escolha». Turismo... a indústria turística, a indústria hoteleira, vamos construir tudo. Há países que estão interessados nisso. Nós vamos dirigir o processo. Eu pergunto: e Portugal onde está? Não quer algodão? Visitou o Unango, não é verdade?

EXPRESSO: — Visitei.

PRESIDENTE: — Naquela zona toda, vamos desbravar 150 000 hectares para a produção de trigo. Conhece o Vale do Limpopo?

EXPRESSO: — Conheço.

PRESIDENTE: — O Vale do Zambeze? Vamos produzir milhões de toneladas, não digo milhares, digo milhões. Milhões de toneladas de arroz. Portugal não necessita? No domínio da pecuária, o País tem condições raras, privilegiadas do ponto de vista agrícola, indus-

trial, florestal, pecuário e de pesca. Portugal? Deixem lá de falar muito. Venham aqui trabalhar. Declarações, declarações, venham mas é aqui trabalhar. Quando Portugal compreenderá que com um País com quem se tem relações diplomáticas não se deve permitir que outro país sirva de base para a reacção, centro de desprestígio, centro de propaganda, centro de má-fé? Portugal, neste momento está nesta situação. Tem toda a quinilharia (N. da R. — Entre essa quinilharia fala-se, em Moçambique, de Domingos Arouca e Máximo Dias, que aqui desenvolvem actividades contra a R. P. M.).

EXPRESSO: — Quando é que o Sr. Presidente visita Portugal?

PRESIDENTE: — Como é que tu queres que eu vá a Portugal, com todas essas quinilhas contra a República Popular de Moçambique? Agora Ramalho Eanes pode vir a Moçambique. Aqui não há bases para subverter Portugal. Vocês são bases para subverter Moçambique e orgulham-se disso. Nós dizemos alguma coisa contra Portugal? Então resolvam esses problemas e depois vem cá perguntar-me quando é que eu vou a Portugal.